

tão Galdino Ferreira, sua paixão por Olívia, professora seqüestrada pelo bando, e o ciúme que esse amor provoca sobre Clodia, mulher do Capitão Galdino, que secretamente nutria um nobre sentimento por Teodoro. (AS)

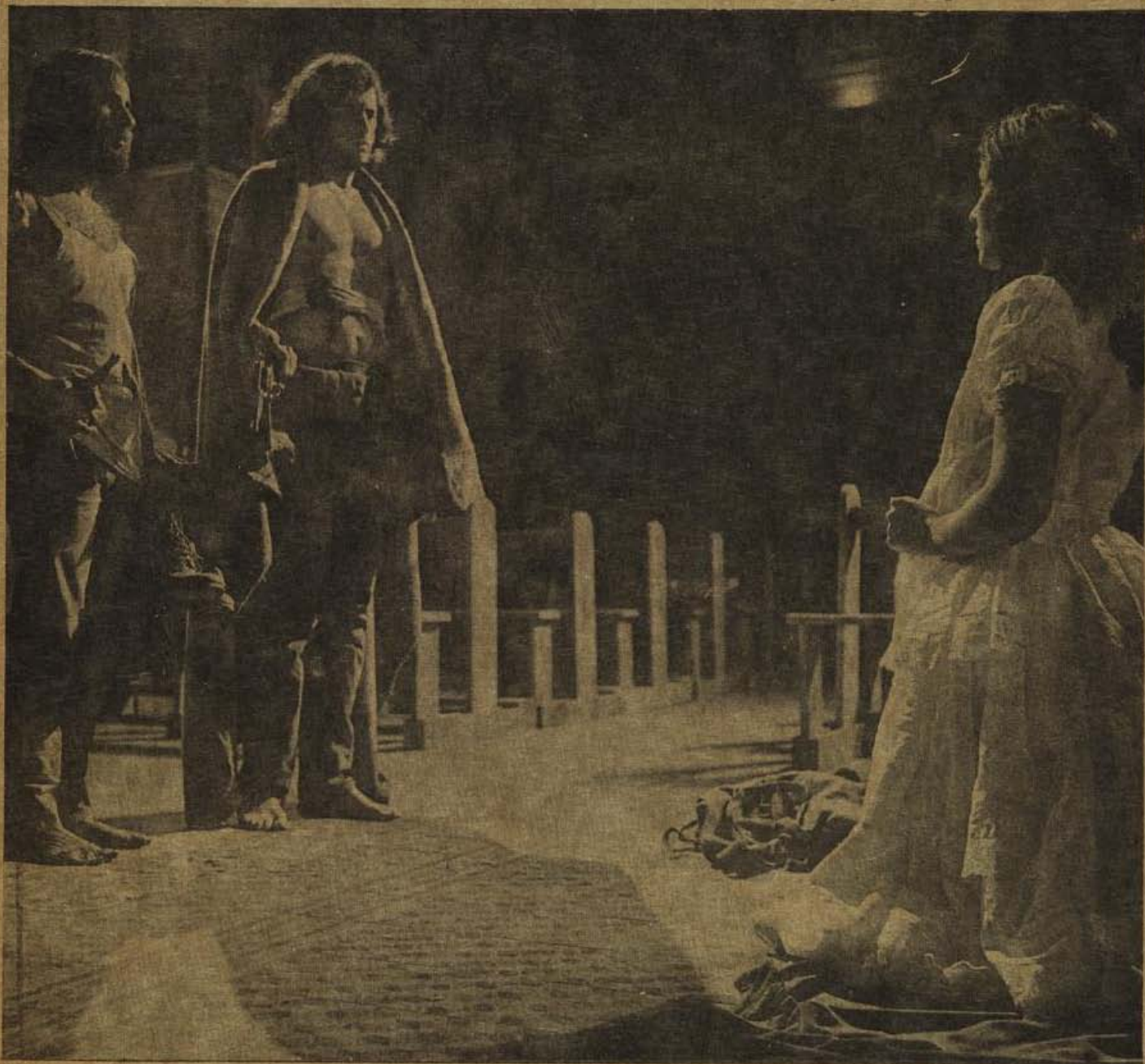
"PALOMARES": A FRONTEIRA DA AUTODESTRUÇÃO

André Faria começou sua carreira estagiando como fo-

tógrafo no filme de Leon Hirszmann *Garôta de Ipanema*. Em seguida, foi 16 vezes assistente de fotografia de Ricardo Aronovitch. Foi ainda assistente de Afonso Beato em *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro*, de Glauber Rocha, e de

David Zing em *Memória de Helena*, de David Neves. Como diretor de fotografia, fez o episódio de Luís Rozemberg Filho em *América do Sexo*, trabalhando também como ator do mesmo filme, no episódio de Flávio Moreira da Costa. Finalmente, di-

"Pretendia rodar um filme sobre a loucura" (André Faria sobre *Palomares*). Na cena: Renato Borghi, Carlos Gregório e Itala Nandi.



rigiu a produção do episódio de Moisés Kendler em *Os Marginais*.

Palomares, a História de um Padre Louco ou Paraíso no Inferno? André Faria ainda vacila quanto ao título que vai escolher para o seu pri-

meiro longa-metragem, uma superprodução custosa (Cr\$ 900 mil) filmada em Santa Catarina. Os papéis principais foram confiados a Renato Borghi, Carlos Gregório e Itala Nandi, figurando no elenco de apoio Renato Dobal, Kao, Paulo Augusto, Car-

los Prieto, Otávio Augusto, Elk Hering e Elizabeth Kander.

A fotografia é em cores e esteve a cargo de Soli Levi, Sílvio Bastos e Carlos Ebert. A cenografia traz a assinatura de Lina Bo Bardi, responsável por excelentes traba-

lhos em várias montagens do Teatro Oficina. A produção é de Luís Augusto Sache, João Guerra, Marcos Guimarães e Palomares Produções Cinematográficas.

FC — Qual a origem do filme?

AF — Antes de elaborar o

André Faria vacila quanto ao título: *Palomares, a História de um Padre Louco ou Paraíso no Inferno?*



roteiro do que seria **Palomares**, eu pensava fazer um filme sobre a loucura. Queria narrar a história de um homem que atinge o extremo da alucinação mental, ou seja, de um sujeito que explode interiormente. Mas cheguei à conclusão de que se fizesse um filme apenas sobre esta loucura doméstica, não conseguiria jamais alcançar o extremo da loucura total. E descobri que só através de uma ficção louca — cheia de **non sense** — provavelmente chegaria lá. O argumento e o roteiro são o resultado disso.

FC — Em função disso, que significa, então, o filme?

AF — Para mim o filme é isso: duas bombas atômicas, duas cucas radicais, duas bombas explodindo, duas cucas explodindo. É a história do homem-bomba querendo explodir tudo e a si mesmo na tentativa de mudar o rumo das coisas. Ele não pode parar, pois a parada representa uma revisão. Todos acabam parando dentro de uma igreja abandonada. Fechados nesse local, se entredevoram e um deles apresenta-se como padre na pequena cidade. Mas "a tua roupa não é o caminho", diz Santa, uma personagem do filme. E o suposto padre enlouquece: começa a prometer aos seus seguidores o Paraíso, agora. Nesse processo de loucura e autodestruição, termina levando o povo a se destruir com ele.

FC — O roteiro exigia cenografias fantásticas, de elevado custo de produção. A produção obedeceu?

AF — Os produtores forneceram 57 latas de negativo Eastmancolor, muito dinheiro, bastante loucura e total liberdade de criação para que fizesse um filme em que não faltasse absolutamente nada. Essa é uma condição muito excepcional no cinema brasileiro, onde os produtores costumam fiscalizar tudo e mesmo interferir na própria

criação do filme. No meu caso, felizmente, o crédito foi total.

FC — Houve algum problema de produção? Onde foi ambientada?

AF — Em Florianópolis, Santa Catarina. Os atores gostaram tanto da cidade que os três meses de filmagem passaram quase despercebidos. Não tivemos nenhum problema de locação, todas as loucuras foram conseguidas. A participação do povo, a ajuda do governo local através da Deatur, a cidade linda e quieta, sua luz suave e prateada e a completa integração da equipe com os catarinenses possibilitaram a realização do filme.

FC — Quase todos os atores de **Palomares** integram ou integraram o elenco do Teatro Oficina. Você exigiu deles alguma interpretação especial?

AF — Todo o trabalho relacionado com a interpretação se baseou na experiência pessoal de cada um. Alguns aproveitaram os conhecimentos adquiridos nas montagens e laboratórios que o Oficina vem realizando no Brasil há muitos anos. Os que não passaram pelo grupo fizeram um trabalho de laboratório antes das filmagens. (PSA).

ENCONTRO COM RALPH NELSON

Ralph Nelson, diretor do novo cinema americano, autor de, entre outros filmes, **Lilies of the Field** (**Uma Voz nas Sombras**), **Charly** (**Os Dois Mundos de Charly**), **Requiem for a Heavyweight** (**Requiem Por um Lutador**) e **Duel at Diablo** — esteve recentemente no Brasil para lançar seu **Soldier Blue** (**Quando um Homem é Homem**) e concedeu a **FILME CULTURA** a seguinte entrevista.

OS DOIS MASSACRES

FC — O que **Soldier Blue** representa em sua obra?

RN — Antes de mais nada, é o meu comentário sobre a guerra. Vale para qualquer época e para todo tipo de violência, inclusive o que acontece no Vietnã neste momento. Não tive a intenção aberta de fazer um paralelo entre o massacre de Sand Creek, que aconteceu no Colorado em 1865, e este, bem mais recente e não menos pavoroso, o de My Lai, como me perguntam com frequência. Não há dúvida, porém, de que os dois episódios se entrelaçam no mesmo horror e na mesma barbárie: queimar crianças, violar mulheres, mutilar homens, trucidar selvagemmente. E, hoje, as armas são bem mais sofisticadas do que em 1865. A idéia de fazer **Soldier Blue** surgiu há algum tempo, quando li um manual de história americana onde um dos meus filhos estava estudando. Senti-me perplexo ante a maneira como era ensinada às crianças a história da conquista do Oeste e da luta entre índios e brancos. Cada massacre, como o de Sand Creek, era mostrado como um episódio de bravura, de luta "limpa" dos soldados heróicos contra os selvagens traidores, beberrões e lascivos. Ora, na verdade, as coisas não se passaram assim.

FC — Sua filmografia repousa essencialmente em temas polêmicos. Há alguma razão especial para isso?

RN — Gosto de expor nos meus filmes assuntos desafiantes, atuais, embora o cenário, às vezes, os situe há cem anos atrás. Em **Duel at Diablo**, p. ex., fixei-me no racismo, na intolerância, narrados ambos em termos de western. Com **Soldier Blue**, retomo a mesma temática "desagradável", revivendo na tela o terrível episódio que foi o massacre de Sand Creek, onde 500 índios

Cheyenne foram exterminados barbaramente por soldados americanos — mulheres e crianças inclusive —, apesar de terem agitado uma bandeira branca pedindo paz e uma bandeira americana mostrando submissão. Sei que a seqüência final, onde, entre outras crueldades, mostro soldados jogando "baseball" com o seio decepado de uma índia, tem dado muito o que falar, especialmente nos Estados Unidos. Todavia, só posso dizer que ao pesquisar nos anais militares do Colorado — que contam as coisas com uma clareza nada semelhante à indulgência dos manuais escolares — senti que teria de omitir algumas tomadas para não tornar o filme excessivamente chocante.

"SANGUINÁRIO"

FC — Houve problemas com a Censura?

RN — Não. Tanto nos Estados Unidos quanto na Europa o filme está alcançando excelente aceitação por parte do público. Nos EUA está mesmo servindo de tema para debates entre estudantes, que encontram nele reforço para seus ideais pacifistas. Mas é claro que houve gente que não gostou, por achá-lo "sanguinário". Esses que se sentiram indignados, nunca devem ter assistido aos noticiários da TV. Sabe que por causa de **Soldier Blue** deixei de ser o anjo 28 de Hollywood?

FC — Anjo 28?

RN — Um clube de mulheres de Hollywood, Operation Moral Up-Grade, decidiu tornar-me membro honorário da entidade por causa de meu filme **Lilies of the Field**, que é baseado na fé, mas sem pieguismo. Deram-me um diploma e até mesmo um emblema em forma de auréola, símbolo da organização. Fiquei sendo o anjo número 28 do clube. Mas a vio-